

■ POLÍTICA

Arruda confessa, mas não afasta crise do Senado

Parlamentares governistas e de oposição reagiram bem ao discurso, mas desdobramentos ainda dependem do depoimento de ACM

Anamaria Rossi, Francisco Câmpera e
João Domingos
de Brasília

Nem a confissão pública feita pelo senador José Roberto Arruda (PSDB-DF), de que participou da violação do painel do Senado na sessão que cassou o mandato de Luiz Estevão (PMDB-DF), atenuou a crise que se abateu sobre a instituição. Com seu gesto, acusou o senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) de também ter se envolvido no episódio, mas não conseguiu pôr fim às dúvidas quanto à autoria do crime. Isso ainda depende do que dirá Antonio Carlos, que por enquanto nega ter ordenado a violação.

O Palácio do Planalto sabe que ainda terá de aguardar muito para que a Casa volte à normalidade. Primeiro, porque a crise que nasceu com a quebra do sigilo do painel continua a paralisar o Senado, pelo menos nesta semana. E também porque o segundo foco de crise — embora esteja fora do Legislativo — atinge diretamente o presidente da Casa, Jader Barbalho (PMDB-PA). Ele não consegue afastar de si e de familiares as suspeitas de envolvimento nas fraudes da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam).

Em São Luís do Maranhão, onde participou de uma reunião da Executiva Nacional do PFL, Antonio Carlos negou participação direta na quebra do sigilo do painel, na sessão realizada em 28 de junho do ano passado. Disse que não ficou com a lista, como afirmou Arruda, e que jamais telefonou para Regina Borges, ex-diretora do Serviço de Processamento de Dados do Senado (Prodasen), para agradecer pelo serviço.

Antonio Carlos pressionou e con-

seguiu, do PFL, solidariedade. O presidente do partido, Jorge Bornhausen (SC), disse, depois da reunião, que confia nele e nas explicações que o ex-presidente do Senado dará ao Conselho de Ética. O presidente do Conselho, Ramez Tebet (PMDB-MS), confirmou para quinta-feira o depoimento de Antonio Carlos.

Ao subir à tribuna, ontem, Arruda desdisse tudo que dissera na quarta-feira passada e que foi desmentido por Regina no depoimento do dia seguinte ao Conselho de Ética. No seu discurso de mea culpa, o ex-líder do governo afirmou que Regina só falou a verdade. Pediu perdão aos seus colegas de governo, aos senadores, à servidora e a mais uma porção de gente.

A atitude de Arruda, que causou comiseração nos senadores, foi comentada por Georges Lamazière, porta-voz do presidente Fernando Henrique: “O presidente assistiu, pela televisão, o discurso do senador José Roberto Arruda. Considerou-o corajoso e digno. Reconheceu seus erros e assumiu, humildemente, responsabilidade por eles. O caminho da verdade é o único que permite ao político recuperar a sua credibilidade perante seus companheiros e a opinião pública.”

No discurso, Arruda chorou, se disse vítima de “ambição desmedida” e “ vaidade exagerada”. Mas, apesar do clima de consternação que tomou conta dos menos de 20 senadores que estavam presentes à sessão, Arruda deixou diversas saídas

para a defesa de Antonio Carlos, avaliou um advogado do Senado.

Segundo esse advogado, em nenhum momento Arruda disse que Antonio Carlos pediu que ele procurasse Regina Borges para ordenar a quebra do sigilo do painel. E, ao se referir ao telefonema que Antonio Carlos teria dado a Regina, para agradecer pela lista secreta de votantes,

Arruda disse: “Ainda na minha presença, ele (Antonio Carlos) pediu que ligassem para a doutora Regina e, de fato, agradeceu a ela o envio da lista. A lista ficou com ele. Lembro ainda que eu mesmo pedi para que ele ligasse, para que ela tivesse certeza de que eu entreguei a lista a ele.”

Para o advogado, Antonio Carlos pode alegar, em sua defesa, que Arruda o induziu a fazer a ligação para

Regina, logo depois de entregar-lhe a lista. Isto, acredita ele, levará a defesa de Antonio Carlos a dizer que Arruda cuidou de todo o serviço de violação do painel.

Tão reveladora quanto a confissão de Arruda foi a reação de seus colegas de Senado. Ao final da leitura das 32 páginas manuscritas do discurso do tucano, era claro no rosto e nas declarações da maioria dos senadores o alívio que o depoimento trazia para a instituição e para cada um deles. E a disposição de muitos deles de rever o que até ontem era considerado o caminho natural pela maioria: a pena de cassação de mandato.

“A confissão é positiva para o Senado e para ele. O fato é gravíssimo,

mas a pena terá que ser construída a várias mãos e cabeças”, avaliou o líder do PPS, senador Paulo Hartung (ES). Hartung considera a confissão uma atenuante. E não é o único. O corregedor do Senado, Romeu Tuma (PFL-SP), pensa da mesma maneira. “Ele corrigiu o erro em tempo hábil. Estamos pensando numa análise melhor da pena a ser aplicada. Não há mais aquela angústia de que o cara tem que sumir daqui, tem que ser cassado”, disse.

Para Eduardo Siqueira Campos (PFL-TO), “todos os que se socorrerem da verdade estarão fazendo um grande favor à Casa e a si mesmos”. O senador Pedro Simon (PMDB-RS) também reforçou a tese de que “a confissão sempre atenua” a situação do acusado. Simon é promotor público de carreira.

Ao final do discurso, Arruda recebeu abraços, apertos de mãos e palavras de apoio. Porém, o presidente do Conselho de Ética, Ramez Tebet, afirmou que a confissão não significa que o ex-líder do governo no Senado será absolvido.

O líder do governo no Congresso, deputado Arthur Virgílio (PSDB), também chegou a chorar enquanto Arruda discursava. Ele e o ministro Pimenta da Veiga (PSDB), das Comunicações, foram procurados por Arruda ontem pela manhã, e avisados do teor do discurso que seria feito. Desde a semana passada, Virgílio é um dos poucos parlamentares a dar respaldo político ao senador.

Para Virgílio, a confissão foi um gesto nobre. “Arruda se mostrou

muito sincero e elevado”, afirmou. “Pagou um preço político, não sei se pagará um preço eleitoral. Colocou seu mandato a prêmio, mas na minha opinião este não é caso para cassação”, disse o líder do governo. Perguntado sobre o impacto do discurso no Planalto, Virgílio disse apenas: “Contando a verdade, ele aliviou a todos.”

O presidente do Senado, Jader Barbalho, disse que Arruda optou pelo que lhe pareceu politicamente conveniente. “Agora cabe ao Conselho de Ética completar a investigação”, disse. Para o líder da oposição, José Eduardo Dutra (PT-SE), trata-

se apenas de uma “meia confissão”, já que Arruda não admitiu ter pedido a lista a Regina Borges. “Continua a haver necessidade de acareação entre os dois”, disse Dutra.

Em seu discurso de mea culpa, apesar das lágrimas, Arruda não poupou adversários nem aliados. Depois de ter afirmado que leu a lista de votação da sessão que cassou Luiz Estevão, admitiu ter contribuído “com ilações” para os comentários que frequentaram os corredores do Senado e colunas de jornais “a respeito da dúvida levantada”. A dúvida a que José Roberto Arruda se referia era quanto ao voto da senadora Heloísa Helena (PT-AL), então líder da oposição no Senado.

Ao desculpar-se com seus colegas de governo, Arruda ensaiou outra confissão, que no entanto não foi esclarecida: “Peço desculpas aos colegas de governo, ao qual sempre servi com lealdade, até em situações de

natureza muito mais grave que esta, e mesmo quando meus mais legítimos interesses políticos foram contrariados.” A expressão “natureza mais grave” deixou muitas interrogações no ar. O que estaria Arruda querendo ao dizê-la?

O líder Artur Virgílio não entendeu a frase como uma ameaça velada ao governo. “Isso é ele é quem tem de explicar. Eu, por exemplo, também sempre fiz sacrifícios como líder, mas nada que fosse contra a minha consciência”, disse Virgílio.

Essa era a preocupação de membros da executiva do PSDB na semana passada. Eles avaliaram que não haveria jeito de Arruda escapar de uma punição, mas temiam que ele envolvesse o governo e até mesmo o presidente Fernando Henrique Cardoso no episódio.

Ao comparar o caso com o que levou à cassação de Luiz Estevão — o envolvimento no desvio de recursos da obra do Fórum Trabalhista de São Paulo —, Arruda deu a senha para os senadores que, porventura, pensem em poupá-lo da cassação, aplicando uma pena mais branda, como a suspensão de mandato. “Não é a minha vontade que vai prevalecer, mas o julgamento desta Casa que, estou certo, saberá distinguir este episódio, na sua dimensão regimental, com a gravidade dos fatos, provas e atos que deram origem à cassação do ex-senador”, disse em seu discurso.

Para conferir veracidade ao seu arrependimento, recorreu ao I Ching, milenar oráculo chinês, às previsões sobre a virada do milênio e até mesmo à “lição de São Pedro”: “Depois de negar três vezes, ele se arrependeu e voltou ao caminho da verdade.”



José Roberto Arruda

“O presidente assistiu, pela TV, o discurso do senador José Roberto Arruda. Considerou-o corajoso e digno”, disse o porta-voz de FHC